

MAX PORTER

SHY



ELSINORE

A mochila é absurdamente pesada.

As tábuas do soalho queixam-se.

Ele volta a inspecionar: o charro aconchega-se oblíquo no maço de *Embassy* vazio.

A inspeção diurna está a meio sonho de distância.

Quarto caldoso. Tentador.

Tenso.

A mochila é absurdamente pesada.

São 3h13.

É uma mochila cheia de pedras, é claro que é pesada.

As pedras de sílex têm em média seiscentos milhões de anos, disse Steve.

Limiar de rutura. Alças chiantes.

Walkman pronto.

Pandemonium *Andromeda Tour*, Plymouth (1994), Cassete 1.

Randall & Kenny Ken.

MAX PORTER

Exterioriza o que sentes.

Jungle.

O auge.

O Ámen.

Supremo.

Um modo de vida.

Intenso, apaixonado e veemente.

Seiscentos milhões de anos, e nós, que não duramos mais de cem, julgamo-nos tenazes. Ele não é capaz de acalmar a cabeça.

Dimensão.

Um frio na barriga.

Tempo.

Uma ligeira vontade de cagar.

Sai do quarto escuro. O quarto de Shy sem Shy. *Eve* 1965 entalhado na viga. Um coração tosco entalhado na viga. *1891* entalhado na viga. *Shy* 95, recente e desajeitadamente

raspado na viga, com um S anguloso que mais parece um Z.
Nem isso foi capaz de fazer bem.

O futuro está aqui, Shy. É teu.

Estaca no meio da alcatifa ao fundo do corredor para evitar
que o soalho ranja.

Jamie nunca dorme, mas estará com os auscultadores nos
ouvidos. Steve, Amanda, Owen lá em baixo no piso térreo,
Benny, Cal Peneirento, Paul, Riley, Ash.

A mochila é absurdamente pesada.

Abécua manhosa.

Doem-lhe imenso os ombros.

Um passo, e depois outro.

Lenta e cautelosamente.

O cheiro a chili com carne que ainda persiste.

Sovacos e peidos fétidos silenciosos.

A tua mãe.

Tex-Mex e pedra impregnada de humidade antiga.

Detém-se ao fundo do corredor e põe-se a morder a pele do polegar.

Fssstic-Fssstic, o contador da eletricidade como um *break* lentamente rebobinado.

Aprisionado entre tempos. Na dobra. Em plena fuga.

O pequeno Shy às treze badaladas com o seu último charro e a cassete de que mais gosta. Rapaz nas escadas, descendo os degraus. *Tom e o Jardim da Meia-Noite*. É isso que parece. Foda-se, é mesmo isso. Há anos que não pensava nesse livro.

«Este é o Shy. Costuma estar aqui no seu canto, a falar sozinho com os auscultadores nos ouvidos. Pediu para não ser filmado. Mas vá lá, Shy, diz olá à câmara.»

Se as alças cederem, vai tudo para o galheiro, cem pedras de sílex vão estrepitar contra as lajes do piso ao fundo das escadas. Escadas de interesse histórico, piso de interesse histórico, história de interesse histórico, professores lixados.

Merda de mochila *Reebok* que ele já tem há uma eternidade.

Axe Africa.

O coração bate-lhe depressa como se ele estivesse apavorado.

Estulto drama sem espectadores. O pensamento voraz estorva a voz que se quer ouvir.

Hoje fizemos imensos progressos, Shy. Estou mesmo muito contente.

Ele grafitou, snifou, fumou, injuriou, roubou, feriu, esmurrou, fugiu, galgou, estampou um *Ford Escort*, destruiu uma loja, vandalizou uma casa, partiu um nariz, espetou uma faca no dedo do padraço, mas há já algum tempo que se tornou submisso. À custa de um desgastante esforço.

«Jovens com distúrbios psicológicos que precisam de um tratamento educativo especial, ou um bando de adolescentes criminosos num retiro campestre custeado pelos contribuintes?»

Cruza agora o jardim de inverno, nove cuidadosos passos silenciados por alcatifa até à janela alta atrás do imundo cortinado com padrão às flores. Para o ano será a cozinha de uma qualquer besta presunçosa. As velhas janelas não abrem. As mais recentes, instaladas na década de 1960, abrem perfeitamente e não produzem o mais pequeno ruído. Sai da bafienta casa e põe o capuz sobre a cabeça.

[A câmara percorre o relvado.]

«Um bando de adolescentes normalíssimos a pontapear uma bola, ou alguns dos mais perturbados e violentos jovens delinquentes

do país? Aqui na singularíssima escola Last Chance, reiteramos uma e outra vez: podem ser ambas as coisas.»

Podia correr para desaparecer de vista mais depressa, mas as pedras fariam barulho, pelo que continua a caminhar silenciosa e lentamente. Lança o olhar atrás, na direção da casa, e pensa em todos os que ali estão. Enfiados na cama. Owen e o pessoal do turno da noite e os rapazes. Desligados do mundo até ao som do despertador, disparatando e respirando e sonhando com quaisquer que sejam as merdas angustiantes ou violentas ou maravilhosas que lhes aparecem nos sonhos. Toda a gente insiste em dizer que aqui todos dormem profundamente. Os putos recém-chegados falam dos seus sonhos marados e depois circulam de quarto em quarto as histórias de fantasmas (a senhora Nash, que olha pelos miúdos enquanto dormem e lhes beberica o bafo noturno; o velho escanzelado que sobe e desce as escadas traseiras em vestido de noite largando pingos de mijo) e a história verídica do senhor Henry Radcliff, que matou um criado atrás da porta trancada do quarto lá de cima e por isso todos os que para aqui vêm viver ouvem um grito na primeira noite, um único grito, uma mensagem de boas-vindas à casa dada pelo seu próprio passado traumatizado. Todos o ouviram, e aqueles que não, fingem que sim.

Apesar de tão inteligente, parece mesmo apostado em dar cabo da tua vida, não?

A noite é imensa e dói.

*De repente, transformaste-te num sacaninha
desordeiro? Não estavas deprimido?*

Vira costas e adentra o azul. Uma sombra em movimento.

No ano passado, ainda em casa, ainda numa escola normal, quando se deslocou a casa de Becky à hora de almoço e tentava inutilmente pôr o preservativo gorduroso e fedorento, caralho imprestável, um pedaço de carne mole, dormente, Becky tão meiga e prestável, acariciando-a suavemente, agitando-a de um lado para o outro e apertando-a, tentando um semibroche constrangedor, sorriso compassivo no rosto, olhando-a como se estivesse ferida, pobre piroca, o que não ajudou em nada, só piorou as coisas, de modo que ele se vestiu, não disse uma única palavra, não foi minimamente atencioso, saiu disparado com o rosto vermelho e a camisa fora das calças, Becky pediu-lhe para ficar, para ter calma, enrolar um charro, relaxar, não atribuir importância àquilo, mas ele desceu ruidosamente as escadas, embaraçado e choroso, saiu de casa de Becky tomado de vergonha, percorreu o caminho de volta à escola em passo apressado e pensou que se a vida é isto, toda esta tensão, toda esta pressão, é uma coisa insuportável, absolutamente insuportável, tudo um imenso tumulto, como pode alguém enfrentá-la, a meiguice de Becky, a vergonha convertida em raiva, agrilhado ao último erro, toda a gente à espera do seguinte, a ausência de um espaço arrumado e limpo onde falar com alguém que lhe dê ouvidos, a preocupação de dizer o que os outros querem ouvir, ocasionais períodos de desanuviamento, sem desvios do curso estrito do tempo, livre de preocupações, descontração e soltura, às vezes diversão, e depois de volta ao buraco, todos os estragos, depois a inescapável atmosfera

de ter feito merda, puxado de volta à estaca zero, o rosto triste de Becky a ver-lhe a pequena piça bege encolher, o prepúcio engelhado como um rato-toupeira-nu, como um traidor, depois de todo aquele furioso tesão, de toda a maravilhosa troca de beijos e carícias, de ele ter aprendido a lambê-la, de inúmeros paus feitos, bóxeres viscosos e lábios gretados e, oh, Deus, ele só quer enroscar-se na cama e chorar, todas as punhetas no recreio, toda a espera até estarmos preparados, uma desilusão tão típica, ele imagina sempre como serão as coisas e deixa-se abater quando elas não correm como esperava, e ainda por cima agora tem dois tempos de Química, logo essa disciplina, que infalivelmente lhe agrava o mau humor, o cheiro do laboratório, a professora Fryn a moer-lhe o juízo, na cabeça dele o desejo de poder voltar atrás, ofício de bobinador, de poder voltar à bazófia, à excitação, ao entusiasmo, a escola é um tormento para ele, escadas intermináveis, longos corredores, não ouviu o toque, ainda tinha as placas de ensaio, irrompeu pelo bloco de ciências dentro, atirou a mochila para o chão do laboratório de química e pôs-se a disparatar com Noddy, e a professora Fryn disse *Não gosto nada desse teu comportamento* e ele disse Não gosto dessa sua cara e ela disse-lhe para sair do laboratório e ir imediatamente ao gabinete do diretor e ele disse Sabe que mais vá-se foder e enquanto saía esticou um braço e arrastou com ele um, dois, três, quatro cinco *kits* de química que caíram estrondosamente no chão, balões de vidro e frascos de ácido e grampos e bicos de Bunsen, e das bocas dos

colegas de turma que envergavam batas de laboratório só se ouviram sons de espanto e risadinhas e ele caminhou em direção ao exterior da escola, acendeu um cigarro enquanto atravessava o recreio, supôs que aquela teria sido a última gota no que à escola dizia respeito e sabia que à noite teria de se sujeitar a um interminável e repetitivo interrogatório condescendente da mãe: *Mas porquê, o que é que te passou pela cabeça, estás a ouvir o que eu te estou a dizer, o que é que se passa contigo, porque é que me estás a fazer isto, fala comigo, connosco*, e o padrasto encostado à porta a julgá-lo com os olhos, o cabrão presunçoso, pelo que rumou à casa de Gill e Michael, eles deixavam-lhe uma chave debaixo do tapete e tinha permissão para em momentos especialmente complicados usar a sua cozinha inteligente como espaço de descompressão, amigos da mãe e do padrasto, nunca tiveram filhos, é possível que Gill seja a madrinha dele, não se lembra, abre a porta e entra, ciranda pela cozinha murmurando por entre dentes, come biscoitos com recheio de baunilha em catadupa, observa as coisas deles, Gill e Michael em Paris, Gill e Michael na ilha de Corfu, um póster emoldurado onde lê *VINHO: PROBABILIDADE DE 99 %*, um calendário com aves de jardim, abre a porta do móvel onde eles guardam as bebidas e bebe um trago de *Gordon's*, depois fuma um cigarro enquanto caminha de um lado para o outro no pátio, oxalá ainda tivesse consigo aquele *speed* que consumiu na *rave Fantazia*, pensa, depois bebe um copo de vodca, depois encontra algumas latas de *Kronenbourg* no frigorífico e emborca ruidosamente uma

delas, depois bebe um pouco mais de vodca e deita-se no sofá do jardim de inverno, depois bebe mais uma lata de cerveja e fuma um cigarro, depois ouve a porta da rua abrir e fecha a porta da cozinha com estrondo, não sabe o que fazer, ouve Gill soltar um pequeno *oh* apavorado, pega numa cadeira, parte o móvel envidraçado com todas aquelas garrafas de vinho caro, ouve o grito de Gill, seguido do estampido da porta da rua a fechar, investe contra as fotografias, esmurra-lhes o vidro, Gill e Michael abraçados a uma pedra em Avebury, a jovem Gill numa varanda com um escaldão, desfere socos rápidos e violentos na parede repleta de fotografias como se golpeasse as cabeças que assomam subitamente nos jogos da feira popular, os nós dos dedos sangram-lhe, um minúsculo cubo de vidro enterrou-se-lhe na carne abrindo um corte profundo, estilhaça o póster do vinho, arranca o micro-ondas do compartimento onde estava embutido e atira-o para o chão, parte a garrafa de vodca contra a parede, serve-se da cadeira para dar pancadas violentas na porta do jardim de inverno mas ela é feita de vidro reforçado e a perna da cadeira parte-se, solta um grito, um sonoro berro rouco, larga a cadeira partida, senta-se no sofá e desata a chorar e a soluçar, merda, *grrrrr*, foda-se, começa agora a sentir-se um pouco melhor, e quando se ouve o som das sirenes ele sente-se calmo, e em parte arrependido.

Detém-se na orla do relvado, onde no período passado Jamie pontapeou a cabeça de Nick Fulshaw e a polícia insistiu em perguntar como é que ninguém o tinha visto ali deitado a sangrar e todos disseram uma e outra vez *Por causa do valado*.

A mãe de Shy telefonou e disse que estavam preocupados e que ele devia cuidar de si, passava a vida a fumar, era bem provável que isso lhe estivesse a condicionar o crescimento, isso de passar o dia fechado dentro de quatro paredes só lhe podia estar a fazer mal, sempre a ouvir *drum 'n' bass*, ao que ele disse que tinha pelo *drum 'n' bass* um amor incomparavelmente superior ao que algum dia tivera por ela e depois desligou.

A memória é camuflada por outras merdas desprezíveis.

Ele ligou-lhe de volta.

Gostei muito de conversar contigo, grandessíssima vaca que não sabe fazer mais nada a não ser lamentar-se. Para a próxima, não te dês ao trabalho de ligar. Deixa-me em paz de uma vez por todas. Diz ao Iain que o mando à merda.

Desligou de novo, deixando o som do soluçante choro dela no auscultador.

Olha para trás e a casa é uma espécie de velha fotografia indistinta cujas cores se desvaneceram. Uma parte dele espera ver um rosto pálido à janela.

Finalmente livre, rapazes.

Adeusinho, fantasmas.

Pum-pch – pum-pch

pum-pch – pum-pch

a sua caixa de ritmos interna

como uma boca que cospe,

avançando em marcha cadenciada,

passo atrás de passo e a cabeça ao ritmo do *darkstep*,

um, dois, *gumpf, clique,*

tarola palatal,

bombo gutural, escapando à sorrelfa da Last Chance.

[Amanda, que integra a equipa permanente,
trabalhou como assistente social e gosta
dos desafios que este ambiente
educativo progressista lhe coloca.]

«Imagine-se um palco, uma equipa de
bastidores constituída por meia dúzia de
pessoas mal pagas e uma trupe de atores

altamente inconstantes e voláteis. Jovens atores do sexo masculino com histórias muito complexas.

Nalguns casos, trágicas. Fazê-los representar uma peça de fio a pavio é um verdadeiro milagre cósmico. Um extraordinário golpe de sorte.

Portanto, sim, podem vender este velho lugar a quem esteja disposto a oferecer mais, mas isso não anulará o trabalho que aqui fizemos.»

Um romance sobre a raiva, a culpa
e o tumulto da adolescência que confirma Max Porter
como um dos maiores escritores da sua geração.

Shy tem no seu currículo mais de onze chumbos e a expulsão de duas escolas. Agora está a fugir de Last Chance, o lar de acolhimento para «alguns dos mais perturbados e violentos jovens delinquentes» do país, a sua nova casa. Consigo leva apenas uma mochila carregada de pedras e o seu inseparável *walkman*. É noite funda, o caminho é solitário e assombroso, momento propício para puxar a cassete da sua curta vida para trás e ouvir dentro da sua cabeça as vozes dos seus professores, as súplicas da sua mãe e de todas as pessoas que magoou sem saber porquê.

«Este é um livro perfeito.
Max Porter não só igualou como ultrapassou
o triunfo da sua estreia.»

Irish Times

«*Shy* é uma janela extraordinária
para a mente de um adolescente problemático.»

The Telegraph



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[f elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)
[@penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897870200



9 789897 870200 >